

A INSERÇÃO ANTROPOLÓGICA E ARQUEOLÓGICA NO PASSO DOS NEGROS, UMA DINÂMICA DE EXTENSÃO PROVOCATIVA NO CONTEXTO DO ANTROPOCENO, NO PROJETO NOS NOSOSTROS ANTROPOFONIAS E CHARLAS

ANA PAULA SIGA LANGONE¹; CLÁUDIO
BAPTISTA CARLE²

¹Universidade Federal de Pelotas – analangone@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – cbcarle@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O texto que apresento é parte da atividade de extensão dentro do Projeto de extensão dos Cursos de Antropologia e Arqueologia da UFPel, intitulado “Nós Nosostros Antropofonia e Charlas”. A atuação no projeto objetiva promover a efetivação das produções de vídeos, podcast e entrevistas para o programa de ação extensionista e qualificação do espaço no Youtube do Projeto. Nesse sentido a meta para a atividade é de qualificar a realização da difusão das ciências Antropológica e Arqueológica a partir de debates variados sobre as mesmas. Nesse universo eu efetivamente tenho participado de ações junto a comunidade do Passo dos Negros, no sentido de estimular a produção de conhecimentos sobre as condições de vida das pessoas em meio ao contexto do Antropoceno, considerando a calamidade climática recente que assolou essa comunidade como quase a totalidade do Estado do Rio Grande do Sul. O caso do Passo dos Negros é emblemático, tendo em vista a forma que uma parte da cidade, que é ocupada por famílias abastadas, que de forma criminosa atuaram no sentido de alagar o Passo em descaso completo com sua população, num flagrante racismo ambiental.

2. METODOLOGIA

Ao caminhar com os agentes envolvidos no Passo dos Negros, começo a desenhar uma narrativa polifônica para apresentar o que pensamos sobre as questões relacionadas a “dupla fratura” “colonial e ambiental” no território (FERDNAND, 2022). Os “desenhos” produzidos são “metafóricos” dentro de uma dinâmica de “compreensão” de vincular os nossos caminhos (humanos e não humanos), mas também são “metodológicos” com uma maneira de “descrever as vidas que observamos e das quais participamos, tanto com movimento quanto em repouso” (INGOLD, 2015, p. 317).

O desenho foi selecionado como uma metodologia no trabalho por ser um instrumento que “combina observação e descrição” um “acoplamento íntimo do movimento da atenção do observador com correntes de atividade no ambiente” (INGOLD, 2015, p. 319). Como sugere Ingold: “Observar não é tanto ver o que está “aí” quanto observar o que está acontecendo” (INGOLD, 2015, p. 319). Aqui, o que

1 Autora e apresentadora do trabalho, Graduada em Artes Visuais hab. Em Design. Estudante do Curso de Antropologia – Linha de Formação em Arqueologia, ICH-UFPEL, analangone@gmail.com

2 Orientador da ação extensionista, Prof. do Curso de Arqueologia – ICH – UFPel, cbcarle@yahoo.com.br

busco com os desenhos sobre o Passo dos Negros não é “representar” os agentes que encontro no território, mas “participar” com eles do “mesmo movimento generativo” (INGOLD, 2015, p. 319).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cada desenho produzido sobre o Passo dos Negros, mais linhas são emaranhadas pelo “habitar colonial” de viver na terra (FERDINAND, 2022), mas também pelos “modos de vida” que estão em “confluência” com o território. (SANTOS, 2023).

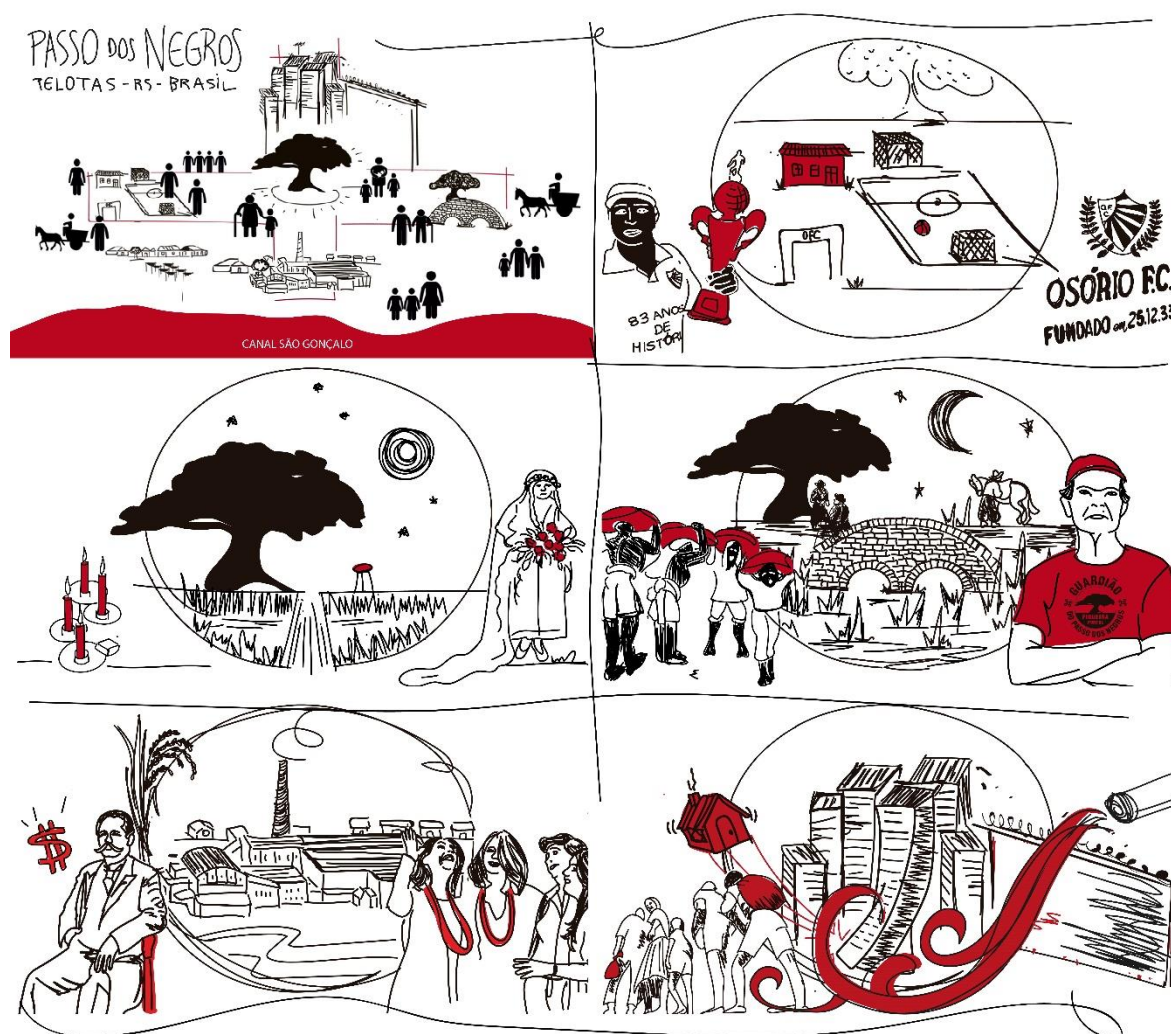


Fig 1: Desenhar com o Passo dos Negros – Ana Langone

4. CONCLUSÕES

Em meio ao contexto do Antropoceno, os desenhos desenvolvidos durante o processo apresentam distopias, mas também buscam esperançar futuros possíveis. Com intuito de expandir os desenhos sobre o Passo para o meio digital, como o Youtube, a produção será alinhavada através de um roteiro que conduzirá à uma animação. O vídeo, estará disponível nas redes do projeto de extensão: “Nós Nosostros Antropofonia e Charlas”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INGOLD, T. **Estar vivo: Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

FERDINAND, M. **Uma ecologia decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

SANTOS, A.B. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.